

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação *Latu Sensu* em Educação Básica

Hellen dos Santos Martins

**Um olhar sob as possibilidades de Ações Formativas da Gestão Escolar na
perspectiva das Relações Étnico Raciais**

Belo Horizonte

2019

Hellen dos Santos Martins

**Um olhar sob as possibilidades de Ações Formativas da Gestão Escolar na
perspectiva das Relações Étnico Raciais**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação, Diversidade e Intersetorialidade pelo curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais

Orientadora: Kátia Pedrosa

Belo Horizonte

2019

<p>M386o TCC</p>	<p>Martins, Hellen dos Santos, 1985- Um olhar sob as possibilidades de ações formativas da gestão escolar na perspectiva das relações étnico raciais [manuscrito] / Hellen dos Santos Martins. - Belo Horizonte, 2019. 33 f. Inclui bibliografia.</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso -- (Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Orientadora: Katia Pedroso Silveira</p> <p>1. Literatura infantojuvenil. 2. Relações étnicas. 3. Relações raciais. 4. Escolas - Organização e administração. 5. Identidade étnico-racial. 6. Educação infantil. I. Silveira, Katia Pedroso. II. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD – 371.2</p>
----------------------	--

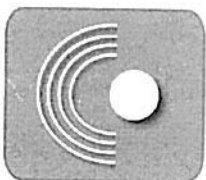
Catálogo da Fonte : Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivaney Duarte. CRB6 2409

(Atenção: É proibida a alteração no conteúdo, na forma e na diagramação gráfica da ficha catalográfica[†].)

* Ficha catalográfica elaborada com base nas informações fornecidas pelo autor, sem a presença do trabalho físico completo. A veracidade e correção das informações é de inteira responsabilidade do autor, conforme Art. 299, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940 - "Omitir, em documento público ou particular, declaração que dele devia constar, ou nele inserir ou fazer inserir declaração falsa ou diversa da que devia ser escrita..."

† Conforme Art. 297, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940: "Falsificar, no todo ou em parte, documento público, ou alterar documento público verdadeiro..."



ATA DE DEFESA DO SEPTINGENTÉSIMO SEXAGÉSIMO SEGUNDO TRABALHO FINAL DO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EDUCAÇÃO, DIVERSIDADES E INTERCULTURALIDADE

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “Um olhar sob as possibilidades de mediações na formação docente, utilizando a literatura infantil na perspectiva das relações étnico raciais”, do(a) aluno(a) **Hellen dos Santos Martins**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Katia Pedroso (orientador) e Andréia Martins da Cunha Moura. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho aprovado, atribuindo-lhe a nota 100, conceito A. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Luciana Gomes da Luz Silva, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) Hellen dos S. Martins
Hellen dos Santos Martins

Registro na UFMG: 2018751080

Kátia Pedroso
Professor(a) Orientador(a)

Andréia Martins da Cunha Moura
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Luciana Gomes da Luz Silva
Luciana Gomes da Luz Silva
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização
Em Formação de Educadores para Educação Básica

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu marido Cláudio pela intensa colaboração nesses quase 548 dias de ausência em nossos sábados, pela imensa paciência com meus inúmeros compromissos que foram programados pelo curso e aos meus filhos amados-coração: Julia, Sofia e Davi que cada um, à sua maneira, entenderam meu comprometimento durante esse período. Aos meus tios amigos que de alguma forma me incentivaram a mais essa conquista. A minha mãe que há alguns anos me presenteou enquanto incentivo com um notebook na graduação e sempre acreditou que sempre posso ir além. Ao Sr. João que sempre me deu palavras de incentivo e me trouxe energias positivas para continuar. Aos meus irmãos Nayara, Bruno e Elisângela por sempre estarem na torcida em minhas conquistas!

Que Deus esteja sempre ao lado de cada de um de vocês e permita sempre que estejam ao meu lado...amo cada um do tamanho do céu!

Hellen Martins

RESUMO

Esta pesquisa trata sobre as possibilidades formativas que a gestão escolar pode favorecer à equipe docente na mediação com a literatura infantil sob o olhar da perspectiva das relações étnico raciais. Todo o processo de intervenção se deu pautado em pensarmos em modo coletivo de que maneira é possível ampliar a percepção das docentes da educação infantil sobre os critérios relevantes a serem considerados na escolha dos títulos que compõem o acervo literário de suas instituições escolares. Foi utilizada uma metodologia qualitativa e análise de dados coletados a partir de dinâmicas e discussões realizadas com coordenadoras pedagógicas. Será que existem implicações culturais do grupo docente que possam interferir nessas escolhas? É possível incluir ações que favoreçam uma escolha mais reflexiva dessas obras no plano de metas anual da gestão? Algumas dessas indagações foram sendo tecidas e consideradas ao longo das intervenções, uma vez que as vivências de cada docente, pode ter influência em sua prática pedagógica.

Palavras-chave: Literatura infantil. Relações Étnico-Raciais. Gestão escolar.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Organograma de Atendimento.....	08
Figura 2 – Representatividade Importa.....	22
Figura 3 – Bonequinha Preta.....	25
Figura 4 – História do Negro na Educação Infantil.....	26
Figura 5 – Meninas Negras.....	28

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	06
2 METODOLOGIA	11
3 AMPLIANDO VIVÊNCIAS CULTURAIS NA INFÂNCIA.....	12
4 LITERATURA INFANTIL X REPRESENTAÇÕES	13
5 O NEGRO NA LITERATURA INFANTIL.....	155
6 GESTÃO X LITERATURA INFANTIL	177
7 ANÁLISE DE DADOS.....	199
8 CRITÉRIOS DE QUALIDADE NA ESCOLHA DOS LIVROS	244
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS.....	322

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa aborda a temática da Literatura infantil na perspectiva das relações étnico raciais. Visa entender como é possível as mediações da gestão da promoção de ações que possam a vir permitir aos docentes, uma prática mais consciente e ética no âmbito da representatividade. Busca questionar quais são as interferências que um acervo literário possa vir a ter no processo de construção de identidade das crianças e sob qual perspectiva a literatura pode contribuir na formação docente.

Este trabalho está organizado da seguinte forma, inicialmente uma breve contextualização da Educação Infantil de Belo Horizonte, logo será abordado a relevância do acesso à cultura na infância, em seguida a história da literatura infantil, na sequência de maneira o negro foi e é representado na literatura e concluindo qual o papel da gestão na mediação da equipe docente com a literatura. Após o diálogo com alguns autores, será apresentado a análise de alguns dados recolhidos na intervenção do plano de ação com 40 coordenadoras e qual impacto a partir das reflexões feitas em nossos encontros ocorrerem nas instituições. Foi utilizado uma metodologia qualitativa, observação, levantamento de dados.

A Educação infantil sempre foi para mim uma expressão do momento mais rico do desenvolvimento do ser humano, pois foi na infância que eu me permiti várias sensações sem ser julgada, foi na infância que me sentia livre de preconceitos, foi na infância que minha imaginação permitia que eu fosse ser quem eu quisesse. Sofri muitos abusos ao longo da minha infância, porém a literatura era um dos momentos que eu podia me distanciar de todos os problemas causados pelo homem.

Entretanto meu contato com os livros se dava apenas no ambiente escolar, em casa não havia livros para manusear. Lembro-me que pedia ao professor de educação física para matar sua aula a fim ficar mais tempo na biblioteca. Estar entre livros sempre me trouxe grande prazer. Tinha algumas preferências, assim como grande parte das meninas da escola as histórias dos contos clássicos, tais como; Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, Rapunzel, Branca de Neve, dentre outras nos traziam uma noção subjetiva do que era ser uma princesa. Tinha uma percepção do

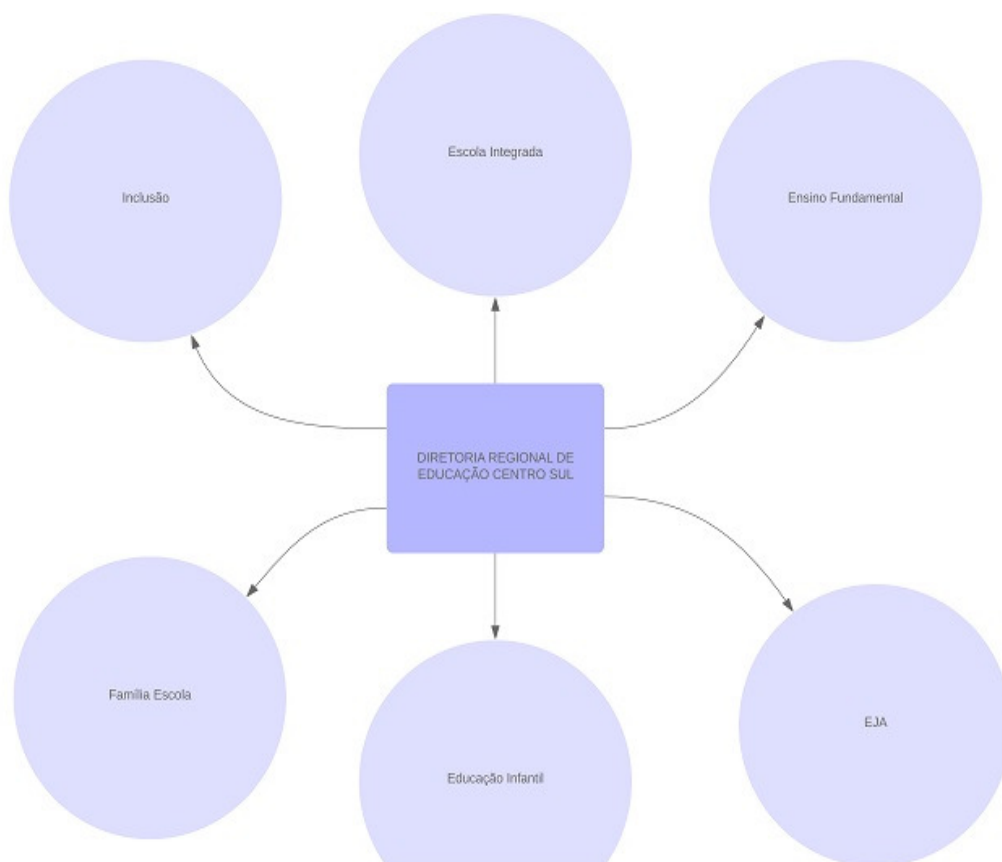
quer era o auge da vida de uma mulher, a espera do príncipe, morar em um castelo, ou pelo menos na casa que viesse parecer um castelo. A vida ideal que eu tinha acesso pela literatura, de certa forma introjetava-se na construção da minha identidade cristalizando algumas representações na minha visão de mundo.

Assim, quando entrei para faculdade no curso de Pedagogia, na disciplina do quarto período, denominada diversidade, encontrei a minha essência enquanto já professora da rede de Belo Horizonte há dois anos. Conhecer o lado triste e ramificador que o racismo impregna em nossa sociedade, me fez alertar para diversos aspectos que ocorrem na Educação Infantil e que por ventura possam vir a ter impactos na vida das crianças. Relacionando com minha vida, comecei a refletir na minha concepção de mulher, qual a minha representação de beleza feminina, qual a concepção de casamento enfim, concepções que a literatura que tinha acesso me fez construir. A partir dessa vivência da faculdade, me coloquei nesse lugar de pesquisadora para compreender esse entrelace da literatura e infância na perspectiva das relações étnico raciais, porém na ótica da participação da gestão, uma vez que trabalho nesse campo da Educação. A seguir vou contextualizar um pouco dessa etapa do ensino na capital mineira:

A Educação Infantil de Belo Horizonte compreende o atendimento de crianças na faixa etária de (0 a 3 anos) e pré-escola (4 e 5 anos). O município há vários anos, é referência nacional no atendimento de crianças na rede pública e, nos últimos anos, tem ampliado o número de vagas oferecidas na Educação Infantil. No ano de 2018, devido à uma greve das professoras da Educação Infantil de 51 dias, houve um acordo do atual prefeito com a categoria que estabeleceu uma nova nomenclatura, passando de UMEI (Unidade Municipal de Educação Infantil) para EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil) partindo do pressuposto da autonomia e gerenciamento financeiro da instituição pelos próprios diretores. Até então, esse gerenciamento era realizado por escolas municipais de ensino fundamental por meio de caixas escolares. Esse processo envolvia não só as compras diversas necessárias para a manutenção das UMEIs, mas também a gestão dos recursos humanos. Além desse grande avanço da classe, foi acordada a elevação de quatro níveis no plano de carreira dos docentes.

Nesse cenário de conquistas e modificações na estrutura da Educação Infantil municipal, fui convidada a participar da equipe de apoio pedagógico da regional Centro – Sul. Essa função pode ser exercida por servidores da rede municipal e seu objetivo é realizar o acompanhamento pedagógico das EMEIs e creches da rede. Em 2019 fui integrada pela diretoria como coordenadora do Núcleo de Estudos das Relações Étnico Raciais da regional Centro Sul; este espaço consiste em reunir mensalmente representantes de escolas do ensino fundamental e infantil para que sejam feitas reflexões acerca da implementação da lei 10.639/03 nas instituições. São convidados professores da Universidade Federal de Minas Gerais, assim como da Universidade Estadual, líderes comunitários, pessoas que possuem representatividade cultural em aglomerados, dentre outras que possam contribuir em nossos encontros. Existem outros segmentos na regional, segue abaixo um organograma que exemplifica o atendimento de cada setor:

FIGURA 1 – Organograma de Atendimento



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Minha função nessa equipe é auxiliar a gestão escolar nas intervenções necessárias, tanto no âmbito pedagógico, quanto de conciliação das relações interpessoais que envolvam as famílias e também a equipe docente. Além disso, devo atuar no sentido de garantir a implementação das políticas públicas para a Educação Infantil expressas nas proposições curriculares, documento que norteia nossas práticas pedagógicas.

Outra tarefa relevante que assumi foi a organização e condução do encontro de coordenadoras pedagógicas das EMElS da regional Centro-Sul. Esse evento acontece quinzenalmente e tem por finalidade promover momentos de formação e também alinhamento de informes para toda a cidade.

Paralelo à minha carreira profissional, em 2018, iniciei uma pós-graduação na UFMG, que trata sobre Educação, Intersetorialidade e Diversidade, caminho este que se encerra agora em 2019, no qual foi possível subsidiar muitas indagações em minhas práticas diárias no trabalho.

Hoje percebo, durante as visitas às escolas, que a manutenção dos espaços de leituras, seja a biblioteca ou os tradicionais “cantinhos de leitura”, possuem um acervo com pouca diversidade étnico racial, vejo também aquisições equivocadas de coleções que não contemplam ou valorizam as características do negro e raramente livros que tratam as questões indígenas de modo não estereotipado.

Acredito que a partir dos encontros regionalizados de coordenadoras pedagógicas seja possível investigar como a gestão escolar pode promover ações formativas que promovam reflexões sobre as relações étnicos raciais por meio da literatura infantil. Pensarmos de modo coletivo de que maneira é possível ampliar a percepção das docentes da educação infantil sobre os critérios relevantes a serem considerados na escolha das obras que compõem o acervo literário das instituições. Será que existem implicações culturais do grupo docente que possam interferir nessas escolhas? É possível incluir ações que favoreçam uma escolha mais reflexiva dessas obras no plano de metas anual da gestão?

Esse plano de ação visa investigar como a gestão escolar pode criar possibilidades de diálogo com os docentes acerca da valorização e cumprimento da lei 10639/03 por meio da literatura observando e articulando possibilidades junto ao corpo docente das EMElS envolvidas.

Segundo Silva (2005), ainda existe em nossa literatura infantil distorções entre brancos e negros:

(...) no que se refere ao tratamento de personagens negros e brancos, são relativamente tênues as mudanças observadas pelas pesquisas no discurso da literatura infanto-juvenil brasileira. Os nossos leitores infanto juvenis continuam convivendo com os discursos literários que difundem a hierarquia entre brancos e negros e que discriminam os não brancos (...) (SILVA, 2005, p.161).

Existe uma necessidade enorme de pautar essas discussões junto ao corpo docente. Como afirma Gouvêa (2005, p.83), "(...) deve-se procurar escrever à criança brasileira na sua linguagem, sobre sua gente, suas raízes raciais e culturais. Tal temática tornou-se preocupação presente em grande parte dos autores voltados para esse público (...)", dialogando assim com um dos princípios da Educação Infantil: a promoção da imagem positiva do negro.

A literatura é uma primorosa estratégia para ampliarmos nossa concepção de diversidade e para tal é necessário perceber alguns aspectos relevantes na escolha dos livros como, por exemplo, no item gráfico, na bibliografia dos autores, no seu modo de utilizar as palavras ao longo do texto, na escolha das palavras e na capa, dentre outros, todos eixos importantes de serem observados na prática docente. A atuação da gestão escolar pode ser uma significativa ferramenta para a promoção de um processo que aconteça de modo reflexivo e atuante, entretanto compreender como essas ações de promoção podem ser articuladas pela gestão ainda é uma necessidade a ser pesquisada.

2 METODOLOGIA

A metodologia foi pautada em uma pesquisa qualitativa que segundo Minayo (1994), se caracteriza como uma pesquisa que se preocupa nas ciências sociais com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com um universo de significados, motivos aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde à um espaço mais profundo de relações. Foi realizado um levantamento de dados com o objetivo de auxiliar na percepção das participantes na importância da temática na Educação Infantil. A intervenção foi feita em 3 encontros:

- 13/05/2019 – Encontro 1: Nesse encontro foram realizadas duas dinâmicas denominadas: “Caminhada do privilégio” e “Jogo das placas”. O objetivo de ambas atividades foi sensibilizar as coordenadoras pedagógicas da relevância no trato das temáticas que abordam as relações étnico-raciais. Elas fizeram um registro em papel do que sentiram durante as dinâmicas.
- 20/05/2019 - Encontro 2: Nesse dia, foi utilizado um slide que retratou a importância da escolha dos livros na Educação Infantil ampliando para as perspectivas das relações étnico raciais. Após refletirmos sobre essa importância, fizemos uma avaliação do acervo das suas bibliotecas escolares. Como questão chave foi perguntado: Será que possuem livros que contemplam mais de uma etnia?
- 10/06/2019 – Encontro 3: Realizamos uma pequena análise de livros infantis disponibilizados nos acervos de 1 creche e 1 EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil). O Objetivo dessa atividade foi fazer com que as próprias coordenadoras avaliassem se ao escolherem determinados livros, conseguiram perceber dados relevantes durante esse processo.

Cada encontro aconteceu na sede da regional de Educação Centro Sul, nos dias dos encontros regionais das coordenadoras com as equipes de Referência Pedagógica da Educação Infantil. Cada encontro durou em torno de uma hora, alguns podendo se estender.

3 AMPLIANDO VIVÊNCIAS CULTURAIS NA INFÂNCIA

No ensino das crianças pequenas as práticas docentes são embasadas em três eixos: Brincar, Interações e Cultura/natureza/sociedade. De acordo com as proposições curriculares da Educação Infantil de Belo Horizonte de 2016, expedido pela Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte (SMED) que diz: “é na infância o momento primordial de ampliar conhecimentos e saberes que valorizem as experiências culturais vividas por cada uma desde o nascimento”.

Este documento compreende, que as crianças chegam às instituições com identidade de raça, etnia, gênero, território, campo, cidade e periferia. Pressupõe-se que utilizar desses conhecimentos como elementos que venham a apontar práticas que ampliem o campo de vivências culturais sejam a essência das escolas de Educação Infantil. Assim diz Melo e Paula (2019, p.51):

Entretanto, para que esse sujeito possa exercer plenamente sua cidadania, é necessário que sua cultura, seus conhecimentos e saberes sejam acolhidos, reconhecidos ampliados. É função da instituição educativa possibilitar aos indivíduos e grupos sociais que compõe seu quadro discente o reconhecimento dos seus conhecimentos, sua ampliação e incrementação, incorporando dados, organizando-os, desenvolvendo estratégias de percepção, compreensão, busca, associação cognitiva e análise.

De modo que, toda instituição deve promover essa expansão de possibilidades às crianças, promovendo ações e práticas pedagógicas voltadas à promoção das relações étnico-raciais, conforme a lei 10.639/03. Esta lei promulgada em 2003 altera a LDBEN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional incluindo no currículo o ensino da relevância histórica da cultura afro-brasileira e uma reeducação e promoção da igualdade étnico-racial.

Portanto, é fundamental que os professores estejam atentos aos sujeitos que estão no ambiente escolar e que interroguem-se diante de suas práticas e atitudes. É necessário fazer uma auto reflexão e verificar se de fato há um movimento escolar, seja no seu fazer individual ou coletivo voltado à promoção das interações, qualificando as diferenças e promovendo possibilidades de vivenciar outras culturas, fazendo com que a criança construa sua identidade pautada por vários olhares.

4 LITERATURA INFANTIL X REPRESENTAÇÕES

Articulando essa perspectiva à uma prática muito corriqueira na infância, a literatura infantil pode ser utilizada de maneira a propiciar o desenvolvimento de inúmeras habilidades e linguagens na infância. Corroborando com a concepção de Silva (2010), “a linguagem literária é um campo discursivo afetado pelo contexto histórico-social, o que torna possível analisar quais representações de criança foram se imprimindo, conscientemente ou não, ao longo da história das narrativas infantis”. De modo que se afeta a construção da narrativa da criança é necessário que esta, seja inserida em toda diversidade cultural que a literatura pode oferecer, de maneira a ampliar esse repertório identitário.

A Literatura pode auxiliar o processo de ensino/aprendizagem como um instrumento capaz de ampliar as interações, o campo da imaginação, desenvolvimento das emoções além de aumentar a capacidade de expressão tanto corporal quanto oral. Assim diz Melo e Paula (2019, p.87) “(...) Ao representar objetos do mundo por meio de outros que estejam à sua disposição, as crianças estão elaborando significados diferentes para os objetos e elaborando enredos imaginários com eles (...)”. Assim, se pensarmos que o processo de desenvolvimento cognitivo da criança é elaborado por representações e hipóteses, tudo que a rodeia de certo modo é introjetado a todo momento. Um leitor autônomo é aquele capaz de interpretar o mundo sob diversos olhares e é este sujeito que se espera ter no futuro.

Portanto, torna-se atribuição do docente por meio da literatura infantil, oportunizar à criança ampliar seu repertório cultural, percebendo as diversas etnias, raças e costumes. Essa intervenção deve contemplar nossa vasta diversidade cultural e étnica favorecendo a construção da identidade e pertencimento na infância que logo constituirá um pensamento reflexivo e crítico no futuro. Assim, corrobora Freire (1979, p.58) “(...) para ocorrer uma mudança de postura é necessário que haja compromisso em querer mudar.” O silenciamento não pode ser um elemento da prática educacional, pois silenciar o aluno a perceber outras vivências e se deparar com a diferença, resulta tanto a criança não se reconhecer enquanto sujeito atuante no mundo, como vivência apenas uma verdade, um olhar, uma representatividade

literal. Podemos compreender essa isenção na fala de Jodas, Vieira, Medeiros (2015, p.59) que relatam o silenciamento das famílias negras:

“Silencia” um sentimento de impotência ante o racismo da sociedade, que se mostra hostil e forte. “Silencia” a dificuldade que se tem em se falar de sentimentos que remetem ao sofrimento. “Silencia” o despreparo do grupo para o enfrentamento do problema, visto que essa geração também aprendeu o silêncio e foi a ele condicionada na sua socialização. O silêncio das famílias brancas decorre também desses mesmos aspectos que influenciam as negras, mas marca sua posição confortável diante do problema que diariamente não as atinge (...).

5 O NEGRO NA LITERATURA INFANTIL

Em meados no século 20, a literatura era destinada à um grupo infantil seletivo, brancos, burgueses e na maioria meninos. Normalmente a literatura era utilizada como forma de propagação de valores burgueses, civilizados e de “bons costumes”. De acordo com Araújo (2018), era determinante estabelecer um padrão familiar nos poemas e narrativas que privilegiassem a existência doméstica, colocando assim as personagens em um contexto de subserviência.

Dessa forma, podemos refletir o lugar, que tradicionalmente, as personagens negras tiveram ao longo desses anos. A começar pelo clássico: “Sítio do Pica Pau Amarelo de Monteiro Lobato” Tia Anastácia, mulher negra que trabalha como cozinheira no sítio sob o comando de Dona Benta, uma senhora branca de traços meigos que esbanja ternura aos cuidados de seus netos, narizinho e Pedrinho. Relembremos uma cena de uma conversa entre tia Anastácia e dona Benta Lobato (1937, p. 26): “Só aturo essas histórias como estudo da ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas (...) muito grosseiras e bárbaras, coisa mesmo de negra beijuda como tia Nastácia. Não gosto.” Quando os negros não eram retratados no lugar de servidão, eram estereotipados como contadores de histórias como o exemplo da tia Nastácia.

Rever se tal tratamento ainda persiste na literatura atual, permite ampliar o conhecimento na seleção desse instrumento didático. A literatura possui o caráter social e de composição identitária na vida dos indivíduos. Assim nos instiga Paiva (2016, p.17), “devemos provocar reflexões acerca do letramento literário, como elemento chave em seu processo de formação de leitores, é o que, em última instância, move essa ação de ler e refletir sobre o lido”.

Ampliar a condição de percepção do leitor, para as diversas interpretações que um livro pode conter, favorece uma postura crítica na interferência que determinada narrativa pode estabelecer na vida de uma pessoa ao longo dos tempos. Propiciar acessos a diversas representatividades, seja ela física, de contextos sociais, religiosos, de enredos, facilita a reflexão e expansão de escolhas na vida da criança.

Ela pode perceber que não existe apenas uma história, e sim várias histórias ao longo da vida.

Enfim de modo geral, podemos perceber que o negro foi representado por muitos anos de maneira hierarquizada na literatura infantil brasileira. Assim nos lembra Maria Cristina Gouvêa (2005, p.84):

O apagamento do negro nos textos da época reflete uma mentalidade dominante voltada para os ideais de progresso e civilização. Procuravam-se eliminar os antigos hábitos urbanos, assim como afastar dos grandes centros, os grupos populares, concebidos como focos de agitação e resistência à nova ordem social. Nesse quadro, o negro era percebido como herdeiro de uma ordem social arcaica e ultrapassada, ligada à um tradicionalismo, à ignorância, ordem a ser substituída por um modelo europeizante, calcado na ideia de progresso. A escravidão era representada como marca vexatória do passado de país atrasado. Assim, a figura do negro, com seu corpo, suas práticas e sua história, constituiria a presença incômoda da antiga ordem escravocrata, incompatível com o projeto de um país civilizado.

Provocar o docente a perceber essa lógica persuasiva em nossa história, pode permitir que se fale um uso mais crítico dos livros, atribuindo como instrumento social de alta potencialidade na construção da identidade, principalmente na infância.

Pensando no contexto escolar, como modo de se posicionar no mundo, as práticas sociais são carregadas de ideologias e discursos. Em vista disso, toda instituição educativa possui seu discurso ideológico, algo que singulariza o grupo de docentes e discentes que ali convivem durante o processo de ensino/aprendizagem.

Referente a livros didáticos, o campo acadêmico problematiza o termo “discurso racista” assim diz Rosemberg (2003, p.128): “tal expressão é mais compatível com o conceito de racismo que adotamos e que se filia ao de autores como Essed (1991), consideram duas dimensões do racismo: a dimensão estrutural e a dimensão ideológica ou simbólica nos livros didáticos”. De tal forma que se considerarmos como a história da escravidão foi retratada nas últimas décadas, podemos perceber um contexto distorcido dos fatos reais e comprobatórios desse momento triste dos negros.

6 GESTÃO X LITERATURA INFANTIL

Dialogando com o conceito elaborado por Luck (2014) que a gestão é um olhar do todo para as partes e destas entre si, de modo a promover maior efetividade do conjunto. Entende-se que existem ações essenciais que podem ser estabelecidas pela gestão a fim de articular no currículo escolar a lei 10639/03. Para auxiliar a implementação da lei, o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro Brasileira e Africana, documento elaborado e distribuído em 2013, pelo MEC (Ministério da Educação) estabelece práticas essenciais das coordenações pedagógicas, das quais destaco:

- Conhecer e divulgar o conteúdo do Parecer CNE/CP nº03/2004 e a Resolução CNE/CP nº 01/2004 e das Leis nº 10.639/03 e nº11.645/08 em todo âmbito escolar.
- Colaborar para que os planejamentos de curso incluam conteúdos e atividades adequadas para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro- Brasileira e Africana de acordo com cada etapa e modalidade de ensino.
- Promover junto aos docentes reuniões pedagógicas a fim de orientar para necessidade de constante combate ao racismo, ao preconceito racial, e à discriminação racial, elaborando em conjunto estratégias de intervenção e Educação.

Dessa forma é fundamental que a ação do coordenador pedagógico esteja engajada em fomentar no exercício docente diário os princípios estabelecidos na Lei 10.639/03, utilizando os diversos espaços existentes na escola para tal promoção. O acervo literário é um dos meios no qual pode ser observado a evidência de determinada etnia, uma vez que não existe diversidade literária pode não ser possível, ao indivíduo, que se faça uma reflexão ou amplie sua percepção de mundo. Sabemos que nossa infância é permeada de memórias e nossas experiências enquanto leitores, imprimem forte influência na construção de nossa identidade. De acordo com Paiva (2016, p.31), “oferecer uma diversidade do acervo literário indica que as crianças serão atendidas em diferentes níveis de compreensão dos usos e das funções da escrita e de aprendizagem da língua

escrita”. Favorecendo assim que no futuro sejam cidadãos críticos e participativos na sociedade.

O uso da literatura infantil, permite ampliar o repertório cultural das crianças, uma vez que são retratadas na maioria dos livros, aspectos que se inter-relacionam tanto no campo emocional, familiar e social. Colomer (2016, p.97) trata a literatura infantil como “a verdadeira escada” na infância, auxiliando a compreensão dos usos da linguagem e da narração, a compara como um “corrimão” que se coloca à sua altura e ao mesmo tempo lhes dá apoio para que subam cada vez mais alto.

Portanto a representatividade implícita no acervo de uma escola, deve ser questionada diariamente. Se de fato a escola imprime as inúmeras possibilidades da nossa cultura multifacetada por meio dos livros. Associar esse olhar na construção de um currículo que garanta a aprendizagem das diversas relações étnicas e raciais existentes na instituição escolar, promove uma oportunidade não só de acesso às crianças, quanto de formação ao professor que, pelo movimento, terá que ressignificar sua prática.

7 ANÁLISE DE DADOS

Minha inquietação sempre foi, perceber de que maneira o coordenador pedagógico acompanha a mediação do professor a literatura infantil e se de fato existe uma discussão voltada sobre a lei 10639/03 acerca da composição do acervo literário de sua instituição. De modo que propus inicialmente 3 momentos para que ocorresse minha intervenção. Um momento de sensibilização, utilizando uma dinâmica que tocasse as coordenadoras em relação ao tema, outro mais teórico que trouxesse conceitos tratados na temática e um último de prática, em que as próprias coordenadoras, realizassem a observação nos critérios durante a escolha de livros.

As coordenadoras que participaram dessa intervenção somam 40 (39 mulheres e 1 homem). Possuem em sua totalidade o curso de Pedagogia e já atuam há mais de 10 anos na Educação Infantil. Foi utilizado o momento do encontro de coordenação mensal que acontece com o objetivo de abordar temas pedagógicos que venham a auxiliá-las na gestão da equipe docente. Este momento foi estabelecido pela Diretoria Regional em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte, que veio favorecer que tal mediação fosse feita. A intervenção ocorreu em uma sala que se encontra no 17 andar do prédio da Diretoria Regional de Educação Centro Sul.

No primeiro dia, ao realizar a dinâmica: caminhada do privilégio, que consistia em colocar as pessoas em uma linha paralela e dependendo da resposta a determinadas perguntas que possuem uma característica de mostrar a desigualdade entre os privilégios existentes socialmente aos brancos e a ausência aos negros, a pessoa poderia avançar ou recuar, possuindo o objetivo final, avaliar qual a característica fenotípica das pessoas que foram para frente e quais ficaram para trás. Pois bem, na primeira experiência, ao final dessa dinâmica, não trouxe o impacto de sensibilidade ao tema que desejava, acredito eu depois de avaliar que a escolha das perguntas, favoreceram que ao final, estivessem tanto coordenadoras brancas, quanto negras. Falas como “tá vendo, não existe privilégio, existe é oportunidade ou não...eu não tive e sou branca”. Essa fala veio de uma coordenadora branca que havia ficado na última posição da fila. Sem argumentos naquele momento, fui embora muito desanimada pois o objetivo maior que era

sensibilizar, para pudesse buscar uma reflexão entorno do tema, não ocorreu. Em busca de entender o que aconteceu e analisando as perguntas, percebi que estas não contemplavam a realidade daquele grupo de pessoas. Um aspecto que anteriormente não levei em conta no meu planejamento e que impactou diretamente na intencionalidade estabelecida. Luck (2012) já diz que o planejamento é a organização de condições complexas para que, juntas e interligadas, sejam mobilizadas na efetivação de algum objetivo e, pensar em condições complexas é buscar no seu planejamento, seja qual for, considerar as especificidades do grupo está mediando. Esse foi um fator que me fez avaliar que nem toda dinâmica se aplica a qualquer grupo e esta pode ser modificada para alcançar determinado objetivo.

Pois bem, replanejando minha intervenção, encontrei um vídeo na internet (corrida do cem) que é a mesma dinâmica: caminhada do privilégio, porém com um grupo de americanos e as perguntas estabelecidas pelo mediador, retratou de fato o acesso à privilégios aos brancos e negros e trouxe a mim um impacto reflexivo ao assisti-lo. Decidi utilizá-lo como meio de sensibilização das coordenadoras e foi um momento de comoção.

Iniciamos nossa conversa após o vídeo: “Corrida do cem”. As coordenadoras ficaram em sua grande maioria impressionadas. Houve um momento de silêncio. Lancei a seguinte pergunta: “O que vocês acharam do vídeo?”. Responderam assim:

Coordenadora A: “O sentimento que tive de tristeza, por pensar que esse tipo de coisa acontece em nossa sociedade. Sempre existe o menos favorecido que acaba ficando para trás. Temos que acabar com isso e fazer com que todos tenham oportunidades para alcançar os objetivos”. Questionada se o aspecto fenotípico em algum momento passou por sua análise e ela respondeu: “Sabemos que o racismo existe, mas ver assim dá uma sensação ruim”. Outra coordenadora B, resumiu seu sentimento com a palavra: “Justiça!”, já a coordenadora C negra, atribuindo seu sentimento ao seu lugar de fala disse: “Eu quero mais é correr!” A Coordenadora D, disse bastante emocionada que: “O vídeo abriu feridas, mas foi uma reflexão como estamos trabalhando com nossas crianças na Educação Infantil!”

Direcionando nossa reflexão para indagação dessa fala, buscamos pensar como nossas crianças se veem representadas nos acervos literários de nossas instituições. Um determinado grupo de coordenadoras fizeram reflexões fazendo referência a desigualdade, falta de oportunidades, necessidade de enfrentamento dos desafios, busca para alcançar objetivos que as pessoas não brancas tem que desempenhar ao longo da vida. Nessas falas foi possível perceber que há o reconhecimento da existência do lugar de privilégio e que não é possível traçarmos um caminho justo se o ponto de partida não é igual para todos. Dialogamos sobre o significado das palavras, justiça e igualdade. Outra coordenadora relatou, voltando nossas reflexões para o cenário da Educação Infantil: “O sentimento que tive foi que as dificuldades existem assim como as barreiras. Mas como educadores devemos dar as mesmas oportunidades de conhecimento para que as crianças possam avançar.”

Boa parte das coordenadoras falaram da maneira como são tratadas as crianças em relação às diferenças fenotípicas existentes a partir da ação docente, sugeriram que talvez problematizar essa questão seria uma solução inicial para combater esse cenário. Atribuíram também a formação cultural de alguns professores como justificativa para que ainda exista essa diferença.

Na outra dinâmica das plaquinhas, o objetivo era trazer o olhar das coordenações para o aspecto da representatividade através dos livros. Assim tivemos os seguintes resultados:

- 90% das coordenadoras não se sentiram representadas na literatura durante a infância.
- 100% possuíam um ideal fenotípico de princesa, sendo loira e olhos azuis.
- 100% disseram que existem livros da temática étnico racial na instituição em que trabalham.
- 100% disseram que há um quantitativo menor em relação aos outros existentes na biblioteca.
- 95% relataram que as crianças negras/indígenas não se sentem representadas pelo acervo existente na escola.
- 100 % afirmaram que incluem literatura nas práticas pedagógicas.

Outros sentimentos foram aflorados, como respeito ao outro, humanidade nas ações. A conversa foi norteadada de lágrimas, relatos de vida, de vivências e deixamos uma pergunta para o nosso próximo encontro: “Qual papel da Educação nessa corrida?”.

Em nosso segundo encontro , tratamos de alguns aspectos teóricos a serem considerados na mediação do docente utilizando-a como prática pedagógica, tais como alguns critérios durante a escolha dos títulos, dentre eles a intenção do autor com aquela narrativa, o diálogo das imagens ilustradas e o texto, a qualidade temática para infância e a questão estereotipa das ilustrações, abordamos também qual o lugar da representatividade na construção de identidade das crianças e falamos também sobre Monteiro Lobato. Enquanto suporte utilizei um slide.

Iniciamos nossa conversa com a imagem a seguir:

FIGURA 2 – Representatividade Importa



Fonte: O Povo Online, 2017¹.

¹ SIOLI, Fernando Diego. Representatividade importa? O emponderamento dos personagens que representam minorias. **O Povo Online**. 9 mar. 2017. Disponível em: <http://blogs.opovo.com.br/estrelapolar/2017/03/09/representatividade-importa-o-emponderamento-e-empatia-dos-personagens-que-representam-minorias/>. Acesso em: 20 out. 2019.

Será que representatividade importa?

Houveram indagações porém ressaltou os seguintes relatos: *“Claro que importa! Olha o sorriso dela!”*, *“importa, pois ela se enxerga em outros espaços!”* tratando a partir dessas opiniões dialogamos como é para uma criança se perceber em outros espaços, tais como nas mídias televisivas, virtuais, cinematográficas, qual o lugar do negro nesses ambientes e assim uma coordenadora explicou: “hoje até tem mais lugar para o negro nas mídias, mas dá para ver que é apenas para cumprir uma cota estabelecida, não é para ter representatividade (...)” outra coordenadora a interrompeu exclamando: “mas negro tem que ter lugar? esse é o problema, não tem que ter lugar?” Houve um confronto de ideias, porém ficou entendido que existe uma maior participação dos negros das mídias diversas atualmente, porém ainda é necessário esse lugar ser exercido com maior naturalidade pelas mídias e sem ter que ser tão claramente visível uma participação quantitativa, ou seja, trazendo o corpo negro apenas como condição de cota visual aos consumidores e sim elevar para uma participação comum aos olhos da sociedade.

8 CRITÉRIOS DE QUALIDADE NA ESCOLHA DOS LIVROS

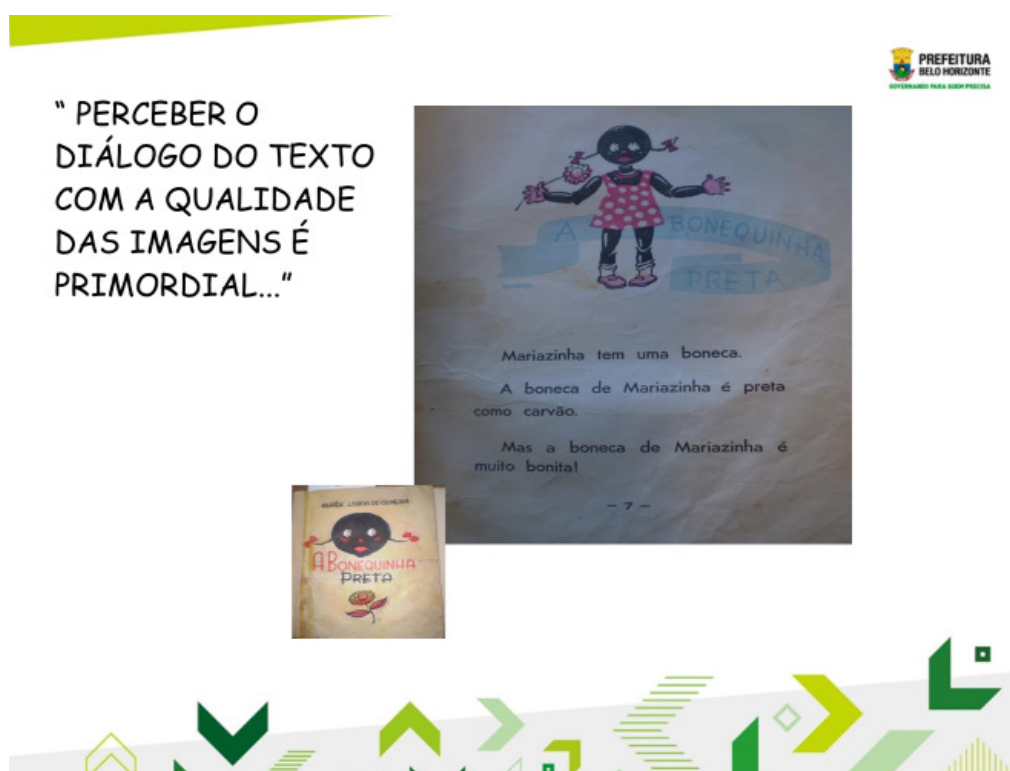
Foi contextualizado o lugar do livro na infância, que os mesmos possuem a característica de aguçar nossa imaginação e nos levar para um campo de representações que ora acessa nossa memória afetiva, ora acessa nossas relações sociais. Para tal importância, a escolha dos livros para compor o acervo de uma escola, deve contemplar uma gama de diversidade cultural, na qual as crianças possam criar suas próprias representações. Assim diz Paiva (2016, p.31) “os acervos devem conter diferentes categorias de livros e diferentes gêneros de textos, com diferentes níveis de complexidade. Assim, as crianças tem acesso a uma grande variedade de textos que podem ser manuseados (...) com autonomia (...)”.

No slide foi discutido três aspectos, tratados por Paiva (2016, p.32), a qualidade textual, a qualidade temática, a qualidade gráfica. Assim diz a autora:

A qualidade textual de uma obra se revela, basicamente, nos aspectos éticos, estéticos e literários, na estruturação da narrativa, poética ou imagética, numa escolha vocabular que não só respeite, mas também amplie o repertório linguístico de crianças na faixa etária correspondente à Educação Infantil.

Na tentativa de trazer nossas reflexões para esse critério, abordamos a correlação do texto apresentado pela Alaíde Lisboa no livro da “Bonequinha Preta “e as relações étnico raciais. Observe a seguir:

FIGURA 3 – Bonequinha Preta



Fonte: Biblioteca Cecília Meireles, 2012².

Foi indagado a real necessidade de comparação que a autora estabeleceu da cor da boneca com o carvão. Pensamos de que maneira esse tipo de narrativa pode influenciar na representatividade que a criança negra pode vir a ter ao imaginar sua cor à algo que suja, utilizado como queima de algo, enfim, porque a não comparação a algo que parta de uma construção positiva da imagem do negro, como a cor da jabuticaba, uma fruta brilhante ou a noite que enaltece as estrelas. Refletimos sobre as possibilidades de mediações que podem vir a constituir uma construção positiva de uma pedagogia antirracista que tem por objetivo, criar uma valorização positiva do negro como diz Gouveia (2005).

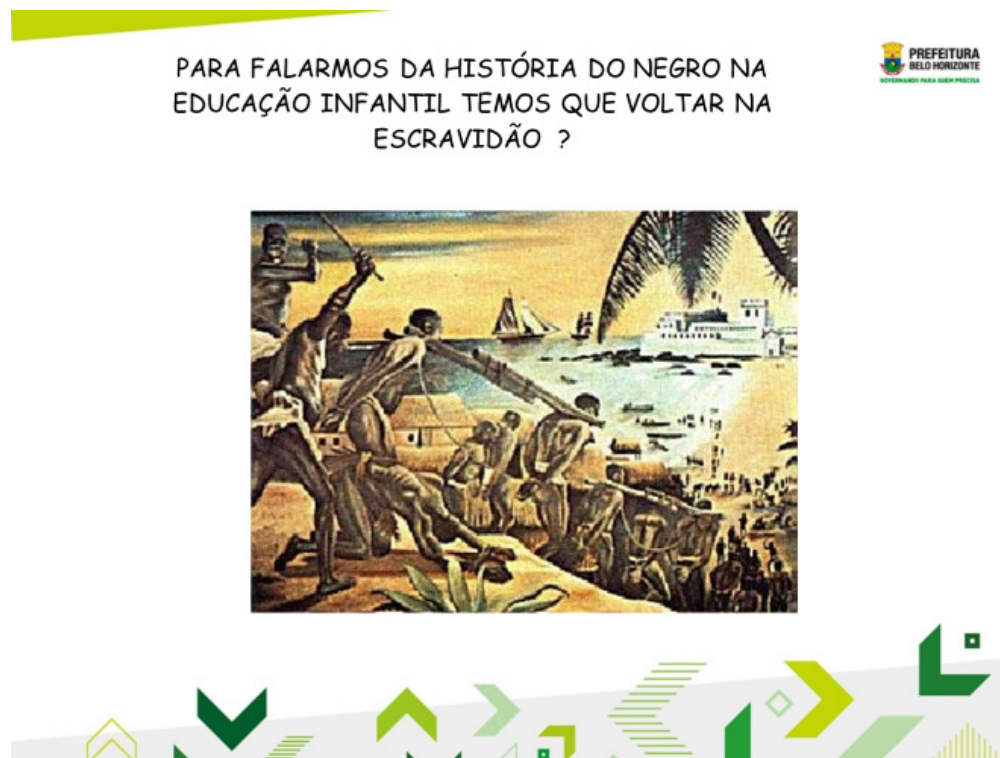
Uma coordenadora relatou: “Sempre trabalhei com essa história e nunca parei para reparar nesse detalhe, porque não poderia comparar a boneca com uma jabuticaba, ou com a noite, enfim”. Muitas coordenadoras refletiram sobre o uso sem

² PARA Casa Para a Família - **A Bonequinha Preta**. Biblioteca Cecília Meireles. Disponível em: <https://bibliotecaceciliameireles.blogspot.com/2012/12/para-casa-para-familia-bonequinha-preta.html>. Acesso em: 20 out. 2019.

planejamento de alguns docentes, que utilizam o livro de modo a preencher um tempo livre e que por esse motivo, não possuem esse cuidado prévio de analisar o que as crianças poderão ressignificar a partir daquela leitura.

Para tratar do segundo critério, utilizei a imagem a seguir:

FIGURA 4 – História do Negro na Educação Infantil



Fonte: Mundo Educação, s/d³.

Nesse critério discutimos a qualidade temática, assim diz Paiva (2016, p.34): “A qualidade temática se manifesta na diversidade e no tratamento dado ao tema, no atendimento aos interesses das crianças, aos diferentes contextos sociais e culturais em que vivem e ao nível dos conhecimentos prévios que possuem”. Analisamos o que os acervos de nossas escolas estão ofertando às nossas crianças? se de fato existe há manifestação da diversidade.

³ MUNDO Educação. **Escravidão no Brasil**. Disponível em: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiadobrasil/escravidao-no-brasil.htm>. Acesso em: 20 out. 2019.

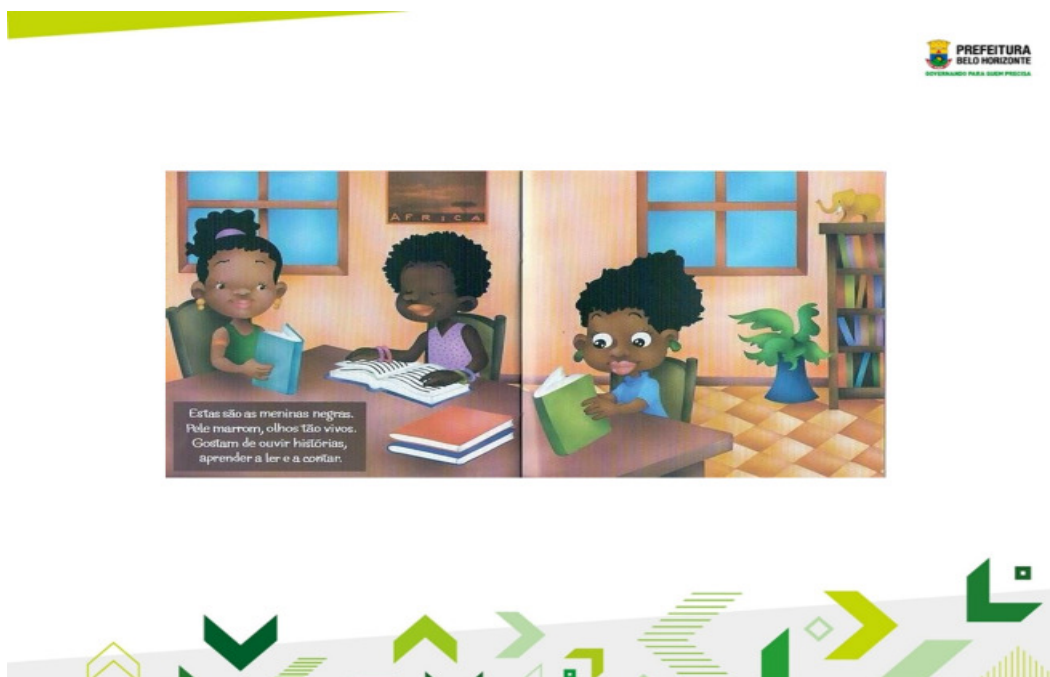
A partir dessa imagem indagamos o modo como o tema foi tratado em nossa infância pela literatura que tivemos acesso na escola e se de fato ele necessita ser tratado na Educação Infantil, uma vez que no ensino fundamental esse momento histórico será abordado. Assim disse uma coordenadora: “Não vejo necessidade de falar disso, eles já tem que suportar tanta coisa ruim, pra quê falar de mais uma que é tão triste”. Foi ressaltado a importância da construção positiva do negro nessa etapa do ensino regular e que é necessário estabelecer parâmetros de abordagens para que favoreça o olhar positivo do negro às crianças, de modo a terem uma construção, principalmente das crianças negras, na composição de sua identidade.

Por fim o último critério que tratamos foi o da qualidade gráfica:

A qualidade gráfica se traduz na excelência de um projeto gráfico capaz de motivar e enriquecer a interação do leitor com o livro. Chamamos de projeto gráfico a qualidade estética das ilustrações; a articulação entre as linguagens verbais e visuais, o uso de recursos gráficos adequados a crianças na etapa inicial de inserção no mundo da escrita (BRASIL, 2016,152).

Para exemplificar esse critério, foi exposto o livro: “Meninas Negras” da escritora Madu Costa, como a imagem a seguir, que valoriza o negro em seus desenhos, sem estereotipar o negro.

FIGURA 5 – Meninas Negras



Fonte: PADILHA, 2012⁴.

Analisamos a coerência do texto com as imagens e a qualidade do material utilizado para compor o livro. Foi discutido como é importante trazer para as crianças uma imagem positiva do negro, no impacto que determinadas imagens podem contribuir positivamente ou negativamente na construção da identidade desse indivíduo. Uma coordenadora lembrou: “na minha infância, lembro dos livros do sítio do pica pau amarelo e a tia Anastácia, só era desenhada com uma boca enorme, já a dona benta toda doce e singela”. Foi instigado na discussão, como é feita essa seleção nas instituições, de que maneira, as coordenações estabelecem um planejamento para verificar essa escolha de suas equipes docentes.

Nosso último encontro ocorreu no início de Agosto. Foi planejado a análise de alguns títulos pelas coordenadoras, porém não foi possível essa dinâmica, devido ao espaço reservado inicialmente e que no dia, ficou inviável de ser utilizado. Remarcamos outro momento, porém com relatos de experiências das coordenações em relação seus espaços de leitura. Tivemos dois relatos um de uma EMEI e outro de uma creche de Belo Horizonte. Ambas demonstraram de que modo são expostos

⁴ PADILHA, Andrea. Meninas Negras - Madu Costa. 2012. Disponível em: <http://salamultiespecialdaandrea.blogspot.com/2012/11/meninas-negras-madu-costa.html>. Acesso em: 20 out. 2019.

os livros, sua organização, como se dá o uso das docentes na biblioteca e como é feito a mediação com as crianças. Nesse encontro discutimos de quais maneiras podem ser mediadas a prática literária na Educação Infantil. Foi refletido a importância de se investigar quem é o autor, qual sua real intenção naquela história, qual relação ele faz do texto com as imagens que foram sendo tecidas ao longo do livro, para que assim possamos utilizar esse instrumento, o livro, de modo planejado, consciente e responsável. Uma coordenadora relatou: “Sempre trabalhei com Monteiro Lobato e recentemente ao ler algumas críticas em relação ao seu racismo literário, percebi aspectos em suas histórias que antes, nem me dava conta...” Entender qual impacto social aquele enredo pode estabelecer na realidade de nossas crianças é ter o cuidado de traçar estratégias para não propagar o preconceito na infância.

Foi pensando ao longo da execução da intervenção do plano de ação, um produto que pudesse ser construído pelas coordenadoras, com o intuito de facilitar o olhar do docente na escolha dos livros para mediar junto às crianças. Em grupo estabelecemos alguns critérios importantes que foram sendo atribuídos em pequenas avaliações das intervenções realizadas, delas foram selecionados cinco:

- Valorizar também a escolha de livros escritos por autores negros.
- Perceber a intenção do autor através da narrativa.
- Analisar a composição gráfica das figuras (se estão esteticamente bem tratadas, sem estereotipar).
- Ver a relação do texto com as imagens no decorrer da história.
- Observar se a temática contempla os diferentes contextos sociais e culturais.

Desses critérios, foi acordado fazermos um folder a ser utilizado pela coordenadora em uma formação que as mesmas farão em 2020, que segundo avaliação das próprias coordenações prefeririam incorporar essa iniciativa formativa no planejamento do ano que vem.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse processo de intervenção, fui me descobrindo enquanto pesquisadora. Elementos que até então estavam apenas na teoria e no momento da observação in loco, fui percebendo o quanto são necessários serem compreendidos e planejados dentro do contexto dos participantes. A troca da dinâmica pelo vídeo, se deu pela falta de percepção da não aderência de significado que as perguntas não tinham com a realidade das coordenadoras. Era necessário, estabelecer um vínculo com a hipótese de vivências pelo menos da maioria do grupo para que tal dinâmica, surtisse efeito de sensibilização ao tema proposto como era o objetivo inicial. Veicular o vídeo, permitiu que esse movimento de sensibilização ocorresse e de fato aconteceu, pois a partir daí, fomos tecendo reflexões acerca da importância de trazer essa compreensão de utilização do livro de modo consciente e crítico pelo professor.

Analisando o modo de planejamento da intervenção que era inicialmente, sensibilizar as coordenadoras sobre a importância de ampliar a visão do professor em relação a mediação utilizando o livro na perspectiva das relações étnico raciais e assim tratar dos aspectos teóricos que nos embasaram para entender como são os critérios de observação na escolha dos livros e assim realizarmos uma prática em que possibilitassem as coordenadoras explorarem alguns livros e assim fazer interconexões com suas práticas institucionais. Como não foi possível a execução dessa última intervenção a observação de como seria a percepção das coordenadoras em relação aos critérios de escolha de títulos, ocorreu de modo mais amplo e não pôde ser específico contemplando cada um. Portando de maneira mais ampla foi possível perceber, através das observações realizadas que a maioria das quarenta coordenadoras, ainda fazem as escolhas de títulos pela capa, pelas ilustrações e poucas pela temática, ou qualidade textual e gráfica de uma obra.

Pelos relatos das duas instituições foi analisado que poucas ações de mediação promovidas pela gestão ocorreram em 2019 a fim de oferecer formações docentes voltadas para literatura infantil na perspectiva das relações étnico-raciais. Foi percebido que a temática das relações foram pontualmente “comemoradas” pelas

literaturas já conhecidas tanto no período do folclore, quanto do dia da consciência negra.

A partir das dinâmicas estabelecidas, foi considerado que, as experiências que as coordenadoras possuem, dialogam com suas percepções na mediação do docente com a literatura infantil, pois suas representações sociais, apareceram nas escritas, citadas ao longo do texto, durante as intervenções.

Se faz necessário e urgente ações que partam das gestões, a fim de promover momentos que os docentes possam refletir sobre suas práticas pedagógicas na perspectiva da lei 10639/03. Não poderemos fazer um diálogo consciente e intencional com nossas crianças, uma vez que nossos professores ainda necessitem de uma maior ampliação de conhecimentos relacionados a lei citada.

Desenvolver as intervenções com as coordenadoras, permitiu-me um olhar amplo a relevância que o conhecimento da lei 10.639/03 pode haver no interior de uma instituição. O não conhecimento por parte da gestão recai em grande intensidade na gestão da equipe docente. A partir do relatos feitos pelas instituições, pelos critérios de escolha de títulos, explanados pelas coordenadoras, pelas observações feitas ao longo das intervenções, ficou compreendido que também é necessário uma gama de formação voltada para literatura infantil na perspectiva da valorização da diversidade étnico racial promovidas pela SMED (Secretaria Municipal de Educação).

Foi um grande desafio, estabelecer uma conexão da necessidade de se trabalhar o tema enquanto complemento do currículo escolar e a sensibilização da necessidade de uma proatividade advinda da gestão.

Espero dar continuidade nessa pesquisa no mestrado breve, uma vez que minha pauta sempre será ampliar discussões na Educação Infantil sobre a lei 10.639/03.

REFERÊNCIAS:

BATISTA, Valdirene Barboza de Araújo. **A jornada do herói nas narrativas juvenis de Giselda Laporta Nicoletis**. 464 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, São Paulo, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro Brasileira e Africana**. Brasília, DF, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Livros infantis: acervos, espaços e mediações**. Brasília: MEC/SEB, 2016. 152 p.

COLOMER, T. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual**. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2016.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

GOUVÊA, Maria C. S. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31, n.1, jan./abr. 2005, p. 77-89.

JODAS, Juliana; VIEIRA, Paulo Alberto dos Santos; MEDEIROS, Priscila Martins. **Uma Década da Lei 10.639/03: Perspectivas e Desafios de uma Educação para as Relações Étnico Raciais**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

LOBATO, Monteiro. **Histórias da Tia Nastacia**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1937.

LÜCK, Heloisa. **Concepções e Processos Democráticos de Gestão Educacional**. 8.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LÜCK, Heloisa. **Gestão educacional: uma questão paradigmática**. Petrópolis: Vozes, 2014.

MELO, Glenda Cristina Valim de; PAULA, Luciane de. Discursos de Gênero, Sexualidade e Raça. **Cadernos Discursivos**, Catalão-GO, v. 1, n 1, 2019, p.1-7.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria método e criatividade**. 17.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 80 p.

PAIVA, Aparecida. **Literatura e leitura literária na formação escolar: caderno do professor**. Belo Horizonte: Ceale, 2016, 72 p.

ROSEMBERG, F. **Literatura infantil e ideologia**. São Paulo: Global, 2003.

SILVA, Ana Bárbara Alcântara da. **Relendo Shrek: Lidando com o diferente.** 110 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2010.

SILVA, Paulo V.B. **Desigualdades raciais em livros didáticos da literatura infanto-juvenil.** 228 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.